

# Gênero e sexualidade em livros didáticos de ciências do ensino fundamental

Marcos Felipe Silva Duarte  
Hellen José Daiane Alves Reis

## RESUMO

Somos instruídos desde pequenos a fazermos escolhas diferentes baseadas em nosso gênero. Na escola, os dilemas que envolvem as questões de gênero estão para além da sala de aula, e em ambientes assim, generificados, é necessário que se iniciem discussões sobre como esses papéis foram construídos historicamente. A Ciência e a Biologia são, geralmente, as disciplinas que mais tratam sobre o tema. Os Livros Didáticos se configuram como uma peça importante no processo de aprendizagem dos (as) alunos (as), contendo discursos sobre os temas “gênero” e “sexualidade”, portanto, objetivou-se nessa pesquisa descrever e compreender esses discursos inscritos em livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). De um modo geral os livros apresentaram uma perspectiva biológica dos temas, trazendo somente algumas representações onde foi possível perceber um viés sociocultural de discussão, debatendo questões importantes que promovem a formação cidadã dos alunos e a equidade de gênero.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Livros Didáticos. Ensino de Ciências.

## 1 Introdução

Na escola, os dilemas que envolvem as questões de gênero estão para além da sala de aula, estão nos corredores, no recreio, nas datas comemorativas, nas relações entre alunos, professores, coordenação e todos os demais profissionais que formam a escola. Dentro de ambientes assim, generificados, onde os sujeitos são fabricados hegemonicamente com relação a compreensão do “eu” e dos cuidados com o corpo e com a imagem social (GODOI; ARANTES, 2012), é necessário que se iniciem discussões sobre a visão histórica dos seres homem e mulher, para que os/as alunos/as percebam os prejuízos que os estereótipos reproduzidos até então trouxeram para as nossas relações diárias.

A Ciência e a Biologia são, sem dúvida, as disciplinas escolares que mais tratam sobre o corpo, e sendo esse um representante de significados, símbolos e tradições (DAOLIO, 1995), é, muitas vezes, o ponto de partida para as discussões sobre gênero encontradas na escola. Professores e professoras de outras disciplinas até se usam desse argumento para justificar a falta desse tema em suas aulas, sendo injusto e irracional deixar a cargo de somente uma ou duas disciplinas assuntos tão vastos e necessários.

Um dos recursos mais importantes que auxiliam professores/as e alunos/as em sala de aula é o Livro Didático (LD). Através dele muitos docentes fazem o seu planejamento e seus planos de aula,

trazendo conteúdos, imagens, desenhos, exercícios, etc. Os LD apresentam-se também como formadores de opiniões, já que passam por um processo seletivo até chegarem às salas de aula, portanto, podem pensar os alunos que estes não apresentam erros ou equívocos. A Ciência em si é feita a partir de equívocos e suposições quando um pesquisador os percebe em um estudo passado e o dá continuidade, mostrando um novo ponto de vista, considerando o que foi positivo daquele estudo e trazendo novas ideias sobre como tal questão pode ser melhor explicada, logo, os LD não estão isentos de tais equívocos.

No momento em que os LD trazem textos, imagens e ilustrações, estão apresentando mensagens diretas e indiretas já que algumas imagens e textos contêm subjetividades e precisam de uma análise mais cuidadosa para se compreender o que os/as autores/autoras quiseram passar, algumas contêm tais subjetividades de forma proposital e outras não, porém, não deixam de transmitir e (re) produzir mensagens.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) trazem a Orientação Sexual como tema transversal onde dentro desse tema se discute o corpo como matriz da sexualidade, as relações de gênero e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (BRASIL, 1998), configurando-se como um ponto positivo no sentido de incluir o gênero como tema para debate na sala de aula em uma época que vivemos conquistas dos movimentos femininos, como a Lei Maria da Penha que passou a considerar violência contra a mulher como crime, seja ela de caráter físico ou psicológico, e também como marco positivo o direito ao voto. Vivemos ainda uma representatividade dessas lutas bem maior, onde podemos acompanhar participantes de tais movimentos indo às mídias falarem sobre violências, assédios, salários desiguais, falta de oportunidades, estereótipos, racismos, aborto, e tantos outros temas que não eram possíveis serem debatidos há pouco tempo atrás.

Os Estudos Culturais, apoiado na vertente do pós-estruturalismo auxiliou nesses debates já que este trabalha com a metodologia do estranhamento e desnaturalização de conceitos historicamente apresentados como verdades absolutas (BECK; GUIZZO, 2013). O estranhamento do discurso médico e biológico como o único para as questões de gênero é essencial para que se aborde o tema com um leque de possibilidades. Quando utilizamos essa metodologia na educação, mais precisamente nos LD podemos observar a reprodução de estereótipos e de conceitos equivocados que foram naturalizados com o passar do tempo, por trás de imagens e textos, o que nos permite ter uma visão crítica sobre como essas questões estão sendo apresentadas na escola (e fora dela).

Entendendo que existem diversos discursos sobre o que seria “gênero” e “sexualidade”, que tais temas estão envoltos de artefatos culturais que vão além da sua biologia, e que estes discursos têm um impacto grande na formação de crianças que podem carrega-los para o resto da vida, faz-se necessário analisar, categorizar e compreender os discursos sobre esse tema nos livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano) de escolas públicas da cidade de São Luís – MA.

## 2 Metodologia

Foi realizada uma busca pelas coleções de livros em quatro escolas da rede pública municipal da região do Itaqui Bacanga, São Luís – MA, onde informamos que não utilizaríamos os seus nomes, apenas os das coleções. Foram adquiridas duas coleções, totalizando oito livros (Figura 1). A primeira trata-se da coleção “Projeto Araribá: Ciências” de SHIMABUKURO, V; (6º ano ao 9º ano. 3ed. São

Paulo: Moderna, 2010), e a segunda da coleção “Ciências” de BARROS, C; PAULINO, W; (6<sup>a</sup> ao 9<sup>o</sup> ano. 5.ed. São Paulo: Ática, 2012). As duas fazem parte do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) dos anos 2014-2016.

Por se tratar de uma pesquisa de compreensão e análise de discursos e não de quantificação, foi utilizada uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2013), e a pesquisa foi do tipo documental, onde o LD se configura como um documento importante na formação científica e cidadã dos alunos e alunas, assim como, uma rica fonte para estudo, o que representa tal tipo de pesquisa.



Figura 1: Coleções de livros de Ciências utilizadas na investigação

Fonte: Próprio Autor, 2017.

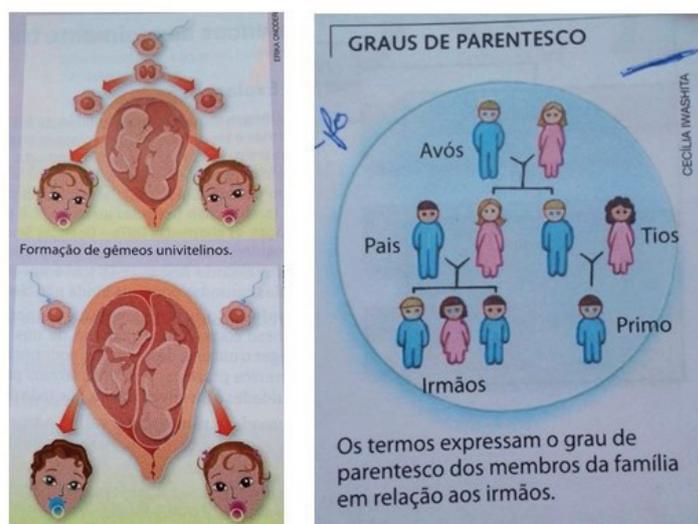
### 3 Resultados da pesquisa e discussão

As duas coleções começam trazendo uma proposta muito interessante que é a de iniciar a apresentação com “caro aluno, cara aluna” (BARROS e PAULINO, 2012) e “caro leitor, cara leitora” (SHIMABUKURO, 2012), colocando o feminino junto com o masculino, o que chama a atenção de quem está lendo e funciona como um meio de inclusão e presentificação, convidando não só os meninos para o conhecimento, mas também as meninas.

O que pode parecer pouco significativo na verdade nos abre os olhos para o quão persuadido nós somos pelas mídias ao naturalizarmos, sem perceber, o masculino como representante de tudo e todos, como, por exemplo, a expressão “O Homem” para designar toda a espécie humana, da expressão “os pais” indicando tanto o pai quanto a mãe de alguém, o uso dos artigos quase sempre no masculino para se referir a pessoas, quer sejam homens ou mulheres, “os responsáveis; os autores; os alunos; os profissionais; etc.”, então, quando se coloca no meio de um discurso, quer seja oral ou escrito, “professores e professoras”, logo se nota a inclusão do feminino, por ser algo diferente do que estamos acostumados, chamando atenção para o que vai ser dito em seguida, além de influenciar a reprodução de tal ato.

As imagens e ilustrações em um livro didático são muito importantes, pois, são recursos lúdicos que auxiliam na compreensão do conteúdo por parte dos alunos e alunas. O poder de apreensão da atenção e da significância dessas imagens traz uma responsabilidade para os/as autores/as dos LD em escolher ou criar algo que não contenha nenhum conteúdo discriminatório, excludente ou que possa causar algum desconforto em quem está lendo.

Foram observadas duas imagens na coleção de Shimabukuro (2012) que apresentaram uma reprodução de estereótipos de gênero (Figuras 2 e 3), onde a ideia da cor azul como representante dos meninos e da cor rosa como representante das meninas é usada, o que acaba por dar continuidade à discussão sobre coisas diferentes para cada gênero, sobre uma separação muito clara, fazendo com que a sociedade acabe julgando aqueles que não estão dentro destes padrões. Uma garota que prefere o azul, verde, preto ou outra cor considerada “de menino” será vítima de piadas, brincadeiras e poderá até tentar mudar o seu gosto para agradar os demais, sendo, assim, moldada pela sociedade. Isso nos faz refletir sobre como são produzidas certas posições e impostas a mulheres e homens como desígnios naturais, o que chega até a escola, onde observamos um ambiente que exerce um tipo de controle até mesmo nas suas práticas diárias como a organização do espaço escolar, distinguindo dessa forma os corpos e as mentes (WENETZ, 2012; LOURO, 2000).

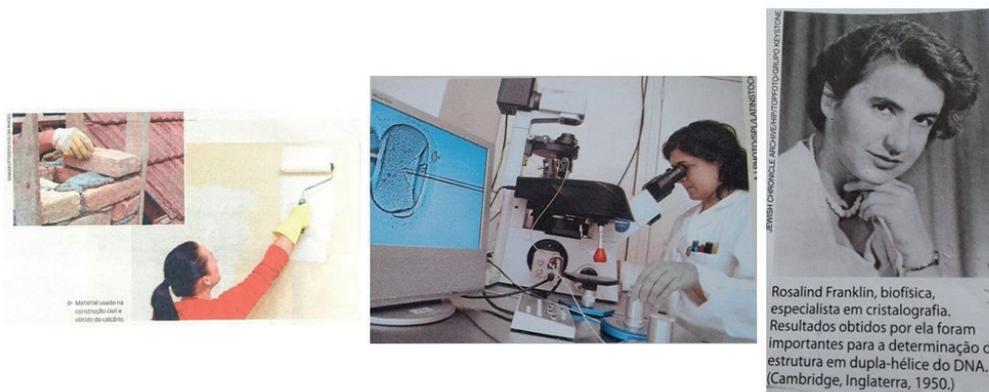


Figuras 2 e 3: Relações de gênero em ilustrações dos livros didáticos

Fonte: 2: Shimabukuro, 2012, 8º ano, p. 61; 3: Shimabukuro, 2012, 7º ano, p. 83.

É necessário que se tenha cuidado com essas representações, pois estamos em um momento histórico importante na luta a favor da equidade de gênero e pelo direito das chamadas minorias, portanto, não podemos deixar que questões tão pequenas e fáceis de serem resolvidas continuem a fazer um movimento contrário.

Entendendo as imagens e ilustrações como pontos centrais nas discussões sobre gênero e sexualidade nos livros em destaque, é interessante que estas tragam imagens de mulheres como forma de representação, e de preferência, em posições de poder. As duas coleções analisadas demonstraram discutir equidade de gênero neste ponto, já que apresentaram muitas imagens e ilustrações desse tipo (Figuras 4-10).



Figuras 4, 5 e 6: Representatividade feminina nos livros didáticos de Ciências

Fonte: 4: Barros e Paulino, 2012, 6º ano, p. 108. 5: Shimabukuro, 2012, 8º ano, p. 65. 6: Shimabukuro, 2012, 8º ano, p. 84.

Mulheres na construção civil, mulheres cientistas e mulheres que foram importantes na história são imagens encontradas nos livros, tais imagens podem servir como encorajamento às alunas, futuras profissionais, que querem uma carreira, porém não têm incentivo por que as referidas são discursadas socialmente como majoritariamente exercidas por homens.

A mulher ter sido taxada como sexo frágil e sofrido violências por isso – muitas vezes sem perceber que se encontra numa relação abusiva (FELIPE, 2006). A construção civil, as ciências exatas, o exército, os esportes, e muitas outras áreas e ambientes foram prioritariamente ocupadas por homens e não permitiam ou não davam o devido valor à presença feminina, o que acaba ainda por refletir nos dias de hoje, porém, já é possível observarmos as mulheres ocupando espaços. Ver alguém como Marta, uma mulher, brasileira, ganhar por diversos anos seguidos o prêmio de melhor jogadora de futebol do mundo influencia a quebra de muitos padrões de gênero, logo, ver essas mulheres nos livros didáticos contribui também para essa quebra, ou pelo menos, para um início de debate.

Historicamente o feminino sempre foi menosprezado, assim como pessoas negras. Assim, com uma mulher negra podemos observar que a discriminação ocorre de forma dupla. Existe todo o conceito de incapacidade da mulher com o estigma que é colocado sobre as pessoas negras. É possível observar isso em muitas situações, como nas diversas novelas que já foram exibidas onde vimos uma mulher branca sendo a rica dona de uma casa enorme contracenando com uma negra que interpretava a empregada pobre.

A ditadura da beleza é imposta as meninas desde cedo, onde se é colocado como uma das condições para ser “realmente” femininas o fato de serem vaidosas e cuidarem do seu corpo (LOURO, 2004). A definição do que é “beleza”, porém, depende do momento em que se está vivendo, já que o que é considerado feio hoje pode ter sido considerado belo no passado, assim como, da estrutura social e cultural da sociedade em que se vive (TATARKIWECZ, 2002), já que os traços e as características fenotípicas são diferentes para cada etnia, cada região do mundo, formando assim diversos padrões dentro de cada lugar, entretanto, com a globalização e o avanço da internet, cada vez mais sofremos influência da cultura norte americana e europeia, formando assim, através das suas modelos, campanhas, anúncios, filmes, séries etc., um padrão universal do que seria “belo e desejável”.

Os cabelos lisos e a pele branca se tornaram referência de beleza, fazendo com que mulheres negras mudassem sua aparência para se adequarem a esses padrões, deixando suas raízes e cultura de lado, diminuindo assim a sua representatividade. Colocar, portanto, imagens de mulheres nos LD é de suma importância, porém, é preciso que haja diversidade dentro dessa representação, é desejável que haja visibilidade negra para que não só alunas brancas possam se inspirar ao lerem os LD, mas qualquer outra. As duas coleções trouxeram muitas imagens com essa ideia (Figuras 7, 8, 9 e 10), sendo esse, um ponto positivo para as discussões sobre gênero e raça nas salas de aula da nossa cidade, Estado e país.



**Figura 6:** Mulher negra representada nos livros didáticos

**Fonte:** Barros e Paulino, 2012, 8º ano, p. 36.



**Figura 8, 9 e 10:** Mulher negra representada nos livros didáticos

**Fonte: 8:** Barros e Paulino, 2012, 8º ano. **9:** Shimabukuro, 2012, 8º ano, p. 119. **10:** Shimabukuro, 2012, 7º ano, p. 149.

Ligado a isso, um outro ponto muito importante e que é discutido na coleção de Barros e Paulino (2012) são as questões de raça e preconceito. Através de atividades e textos os autores propõem a busca pelos conceitos de raça, preconceito, discriminação, e outros termos que façam os alunos e alunas compreenderem como essa exclusão se dá e como tal fato é algo que não deve ser encorajado ou reproduzido. Os autores citados falam sobre estudos que afirmam não existir mais raças puras hoje em dia, e estudos que mostram não haver um gene racial que estaria presente em um grupo da população e ausente em outro. Dessa forma soma-se às discussões de empoderamento negro feminino, buscando diminuir tais preconceitos, como pode ser observado no seguinte trecho do livro do oitavo ano:

Não há, de fato, fundamentação científica para afirmar que uma população humana é intelectual ou fisicamente superior a outra. A genética moderna mostra que não podemos ser agrupados em raças. E mais quaisquer formas de preconceito ou discriminação causam sofrimento e devem ser banidas. Só com a convivência pacífica e a tolerância das diferenças entre pessoas, grupos, religiões e nações é que poderemos promover um mundo em que todos os indivíduos tenham garantidos os mesmos direitos e o acesso ao pleno exercício da cidadania. (BARROS; PAULINO, 2012, p.13).

Assim como direitos das mulheres negras, a sexualidade das mulheres em geral sempre foi reprimida, as mulheres sempre foram ensinadas a serem recatadas, a não expressarem seus desejos sexuais, mas, ao mesmo tempo, estarem sempre dispostas a suprirem os de seus companheiros. Tais ideias acabaram fazendo com que a sexualidade passasse a ser um tema evitado e até mesmo tratado como algo sujo, pecaminoso por alguns setores da sociedade como a igreja, por exemplo. Quando se trata de trazer para a escola tal discussão é mais delicado ainda, já que, as famílias ainda têm a ideia de uma infância ingênua e pura, preferindo que as crianças se distanciem desse assunto (FELIPE, 2006).

Hoje se fala abertamente sobre a sexualidade, porém, alguns estigmas ainda resistem, principalmente no ambiente escolar, onde encontramos em poucas escolas o ensino de educação sexual, ou de sexualidade de uma forma interdisciplinar, e quando encontrado, está focado em um viés biológico higienizante, que trata de assuntos como DST, prevenção de gravidez, e reprodução. Os aspectos sociais que envolvem as questões sexuais como igualdade de gênero, orientação sexual, aborto, identidade de gênero e tantos outros assuntos, não encontram tanto espaço nos debates em sala de aula.

É comum se encontrar vídeos e campanhas publicitárias sobre o uso de preservativo e os métodos de prevenção da gravidez precoce, principalmente na época de carnaval, que se mostram claramente importantes e necessários, mas que não contemplam diferentes possibilidades a se abordar o tema da sexualidade humana de forma plural, contextual, problematizadora e que faça se perceber as diferenças sexuais, de gênero, etnia, etc. As coleções trazem trechos com essa visão biologizada, onde são levados em consideração apenas os aspectos fisiológicos, anatômicos e de saúde, como representado nos seguintes trechos:

A gravidez na adolescência: o momento da geração de bebê é um período de grandes mudanças para qualquer mulher. Quando ocorre muito cedo, a gravidez pode significar, para os pais ou, principalmente, para mãe da criança, ter que abri mão da própria adolescência. Há vários mitos envolvendo o sexo e a gravidez. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, uma garota pode ficar grávida na primeira relação sexual. A gravidez pode ocorrer na adolescência porque muitas moças e rapazes desconhecem ou não utiliza os meios para evitá-la (SHIMABUKURO, 2012, p. 58)

Numa relação sexual, no momento da ejaculação, o esperma ou sêmen é lançado no fundo da vagina. Uma vez no corpo feminino, os milhões de espermatozoides contidos no esperma locomove-se ativamente graças o batimento do flagelo e, chega a tuba uterina, após atravessar o útero (BARROS; PAULINO, 2012, p.58)

As duas coleções trazem um discurso sobre a saúde sexual muito forte, principalmente nos livros de oitavo ano, porém, também foi observado a inserção de algumas temáticas que incluem os aspectos socioculturais e muitos dilemas que vivemos hoje não somente na escola, mas nos espaços que ocupamos. Um desses temas é a questão da responsabilidade paterna, já que, vivemos em uma sociedade onde a maioria das famílias é dirigida por mulheres, e muitos homens ao saberem que irão ser pais, abandonam suas companheiras. Portanto, quando os LD trazem essa discussão para a sala de aula em forma de texto e exercício, fazendo assim com que os alunos reflitam, estão progredindo no debate e luta pela equidade de gênero.

É a mulher quem fica grávida, mas ela não engravida sozinha. A responsabilidade é do casal. Se os seus parceiros não conseguem conversar sobre o assunto, ainda não chegou não a hora de eles terem relações sexuais (BARROS; PAULINO, 2012, p. 74).

Trabalhe estas ideias: Você acha que a responsabilidade de uma gravidez é da mulher, do homem ou de ambos? Argumente, justificando sua ideia (BARROS; PAULINO, 2012, p. 74).

Essa atitude de abandono por parte de muitos pais é um reflexo da criação machista que temos, onde o homem é influenciado a ser livre e a cuidar apenas de si, enquanto a mulher, desde cedo, é ensinada a ser mãe e esposa. Podemos perceber essas relações observando os brinquedos produzidos “para meninos” e “para meninas”. Os meninos costumam ganhar carrinhos, armazinhas, bonecos de super-heróis, e muitas outras coisas que remetem ao poder, a violência e a força, enquanto as meninas costumam ganhar bonecas de bebês, bonecas que cultuam a beleza e a moda, bonecas de princesas, kits de maquiagem, kits de cozinha, e diversas outras coisas que remetem a ideia de cuidado com os filhos, com a aparência e com a casa. Como é apontado por Seffner (2006), viver em uma sociedade que encoraja ações que exigem do homem um desempenho de guerreiro, agressor, competitivo e violento chega a dar medo.

É comum então que os homens cresçam e continuem com a ideia de que podem ser livres para não cumprir com suas responsabilidades, já que, consideram um filho como responsabilidade maior da mãe, e em muitos casos, acabam pensando que o pagamento mensal de um valor em dinheiro será o suficiente para suprir as necessidades de um filho e esquecem que o afeto e a presença são muitas vezes mais importantes.

Para que formemos então cidadãos com mentalidades mais abertas e responsáveis é necessário que se fale desde cedo sobre todas essas questões, e os LD analisados trazem algumas discussões interessantes sobre adolescência e puberdade, de uma forma clara e que abra espaços para os alunos e alunas tirarem suas dúvidas na sala de aula. Na seguinte atividade proposta podemos ver essa inserção:

Trabalhe estas ideias A) você sabe o que é menstruação? Explique o que você e as outras pessoas do seu grupo conhece sobre o assunto. B). Qual é o intervalo de tempo entre uma menstruação e a seguinte? C). Uma mulher costuma ficar menstruada por um dia apenas ou por mais tempo? D) Será que a ocorrência da menstruação representa algum tipo de “aviso” para mulher? (BARROS; PAULINO, 2012, p. 56).

Falar não somente de adolescência e puberdade, mas também sobre sexo é muito importante para a criação de uma mentalidade mais responsável e conhecedora de si, porém, é necessário que se inclua os aspectos sociais nessa discussão, não podemos falar apenas de sexo como algo ligado à reprodução, é preciso que se fale das relações de prazer e poder que a sexualidade envolve.

É preciso deixar claro para as mulheres que cada uma é dona da sua sexualidade e que não deve se submeter às outras pessoas, em especial, aos homens que a tratam como um objeto. Que existem diversas formas de se viver a sexualidade, os gêneros, e que todas as formas devem ser respeitadas. Que sexo é diferente de sexualidade, que orientação sexual é diferente de gênero, e que existem muitos outros conceitos para coisas que tratamos como verdades absolutas.

As duas coleções trazem algumas dessas discussões, mostrando assim uma linguagem mais clara e atual sobre como tratar de tais questões, permitindo que os alunos tenham contato com o tema sem que haja um ar de punição, incentivando até o diálogo em casa, o que pode transformar uma família,

tornando todos mais próximos, aumentando a confiança do aluno e da aluna em seus familiares e em si mesmo.

Em outros tempos, sexo era muitas vezes um assunto proibido. Em casa, ninguém falava “dessas coisas”. Entre os meninos as informações eram geralmente passadas pelos amigos mais velhos, em conversas escondidas. E, como eles nem sempre sabiam direito do que falavam vários assuntos ficavam sem o devido esclarecimento. Com as meninas também era mais ou menos assim. A vergonha e até o medo frequentemente impediam manifestações de suas dúvidas e emoções. Atualmente, ainda pode ser um pouco difícil para alguns pais e outros adultos falarem sobre sexo. Isso depende, em parte, da educação que eles receberam - e os jovens precisam compreender essa limitação. Aqui, vamos procurar falar de maneira bem natural sobre sexo, assunto que geralmente desperta muita curiosidade no período da adolescência (SHIMABUKURO, 2012, p. 53)

Mostrando que o assunto não é mais um tabu, mas que devemos compreender a limitação de algumas pessoas ao tratarem disso, o livro faz com que o leitor se sinta confortável em buscar conhecimento sobre o seu corpo e sua sexualidade na escola, deixando claro que os amigos (ou a internet, nos dias de hoje), não são as fontes mais confiáveis a se consultar. Em forma de atividade são propostas discussões sobre conceitos e opiniões sobre sexualidade e os aspectos socioculturais:

2. Pense em diferentes etnias. As ações da sexualidade são iguais em todas as culturas?
3. Quais são as manifestações sexuais presentes na nossa cultura? Quais são as semelhanças e as diferenças entre as manifestações que vocês encontraram nos painéis feitos por todos os outros grupos e aí da nossa cultura?  
Explicar:
4. Porque as pessoas confundem sexualidade com sexo?
5. De que maneiras a sexualidade pode ser expressa?
6. Que sentimentos podem estar envolvidos na expressão da sexualidade?
7. Quais são as diferenças entre sexualidade, validade, eu pornografia? Quais palavras apresentam sentido negativo?
8. Converse com seus colegas sobre a opinião de cada um em relação à sexualidade todos pensam igual? (SHIMABUKURO, 2012, p. 53).

Quando se abre espaço para essas discussões mais abertas estamos contribuindo para a quebra de tabus de gênero, já que, tornando as mulheres mais conhecedoras do seu próprio corpo e dos seus direitos quanto a ele, produziremos mulheres mais empoderadas e que não se deixarão influenciar por homens violentos e desrespeitosos e por um sistema machista que tenta cometer retrocessos às conquistas feministas.

O futuro para os nossos alunos e alunas deve ser cheio de possibilidades e eles devem estar cientes disso, de que podem seguir a carreira que quiserem e estarem onde quiserem. O livro do oitavo ano de Shimabukuro (2012) traz uma proposta muito interessante de discussão sobre esse futuro (Figuras 11 e 12). De forma lúdica são colocados diversos caminhos que podem ou não ser seguidos independente do seu gênero. Você pode ser uma mulher que queira ser mecânica, jogadora de futebol, dançarina de balé e qualquer outra profissão, como pode também sentir-se atraída por mulheres, por homens, por ambos os sexos ou até nenhum. Da mesma forma ocorre com quem é do gênero masculino, onde existem diversas possibilidades de carreiras profissionais e pessoais a se seguir e que cada um deve seguir aquilo que lhe faz feliz, e não aquilo que nos é imposto pelos padrões criados pela sociedade. Acompanhado de um texto que esclarece tudo isso, as ilustrações chamam atenção dos alunos e alunas e de uma forma simples faz uma discussão muito séria e necessária.



---

## **Gender and sexuality in primary school's science textbooks in brazil**

### **ABSTRACT**

We have been instructed at an early age to make different choices based on our gender. At school, the dilemmas around gender issues goes beyond the classroom. In environments like this, it is necessary to begin conversations about how these roles were historically constructed. Science and biology are generally disciplines that approach this subject. The Textbooks play an important part to the students' learning process, containing discourses on themes like "gender" and "sexuality". Therefore, the aim of this research was to describe and understand these discourses written in Primary School's Science textbooks in Brazil (6th to 9th grade). In general, the books presented a biological perspective of the themes, bringing only a few representations where it was possible to verify a sociocultural bias of discussion, debating important issues that promote the students' citizenship formation and gender equity.

**Keywords:** Gender. Sexuality. Textbooks. Science teaching.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, C; PAULINO, W. **Ciências - O corpo humano - 8º ano**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2012.
- BARROS, C; PAULINO, W. **Ciências - O meio ambiente - 6º ano**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2012.
- BARROS, C; PAULINO, W. **Ciências - Os seres humanos - 7º ano**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2012.
- BECK, D. Q; GUIZZO, B. S. **Estudos Culturais e Estudos de Gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais**. 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências naturais (quinta a oitava séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1998 b.
- DAOLIO, J. **Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física**. 1995.
- FELIPE, J. Educação para a sexualidade: uma proposta de formação docente. In **Educação para igualdade de gênero**. 2006.
- GODOI, M. R; ARANTES, C. Governo dos corpos, gênero e sexualidades: reflexões sobre situações do cotidiano escolar. 2001. In. PRADO, V. M. **Gênero, corpo e @tivismos**. Nuances: Estudos sobre Educação. 2014.
- LOURO, G. L. Corpo, Escola e Identidade. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 2000.
- MINAYO, M. C. S; **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.
- SANTOS, F. F; SOUZA, M. L; “Professora, a senhora gosta de homem ou de mulher? Olhares de um grupo de estudantes sobre uma proposta de ensino sobre o corpo, gênero e sexualidade na EJA. In: Encontro Nacional de Ensino de Biologia, São Paulo, Brasil, 2014.
- SEFFNER, F. Gênero, sexualidade, violência e poder. In **Educação para igualdade de gênero**. 2006.
- SHIMABUKURO, V. **Projeto Araribá: Ciências 6º ano**. 3ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- SHIMABUKURO, V. **Projeto Araribá: Ciências 7º ano**. 3ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- SHIMABUKURO, V. **Projeto Araribá: Ciências 8º ano**. 3ed. São Paulo: Moderna, 2010.

TATARKIEWICZ, Wladyslaw. História de seis ideias: arte, beleza, forma, criatividade, mimesis, experiência estética. 2002. In GUIZZO, Bianca Salazar. Gênero e embelezamento na educação infantil. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 14, n.26, jan./jun. 2013. P. 125 - 143.

WENETZ, I. **Gênero, corpo e sexualidade**: negociações nas brincadeiras do pátio escolar. Campinas, 2012.

## **MINIBIOGRAFIA**

### **Marcos Felipe Silva Duarte**

Graduando em Ciências Biológicas Licenciatura na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX). Atualmente desenvolve pesquisas que problematizam os discursos sobre gênero e sexualidade em Livros de Educação Sexual e Livros Didáticos de Ciências.

### **Hellen José Daiane Alves Reis**

Mestra em Ensino de Ciências e Matemática - UFMA. Licenciada e Bacharela em Ciências Biológicas - UFMA. Professora substituta do Curso de Ciências Naturais – UFMA/Pinheiro. Membro do Grupo de Pesquisa GP-ENCEX/UEMA. Atualmente desenvolve pesquisas que problematizam os discursos sobre gênero e sexualidade no ensino de Ciências e Biologia.